

## UM ARTISTA-FLÂNEUR NA CIDADE DE MANAUS

*AN ARTIST-FLÂNEUR IN THE CITY OF MANAUS*

**Valter Frank de Mesquita Lopes / UFAM**

---

### **RESUMO**

Este artigo trata de propor uma discussão sobre os processos socioartísticos na obra do artista Moacir Andrade (1927-2016) e sua representação da Amazônia, em especial, de sua relação com a cidade de Manaus, através de sua obra, buscando compreender as relações estabelecidas entre a obra do artista e a cidade. Tomamos a abordagem de processos socioartísticos como um conjunto de relações estabelecidas entre o artista, a obra e a sociedade. Olha-se assim, o artista como *flâneur*.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Moacir Andrade; Processos socioartísticos; Artes plásticas; Arte amazonense.

### **ABSTRACT**

*This article proposes to propose a discussion about the socio-artistic processes in the work of the artist Moacir Andrade and his representation of the Amazon, in particular, of his relationship with the city of Manaus, through his work, seeking to understand the relationships established between the artist's work it's city. We take the approach of socio-artistic processes as a set of relationships established between the artist, the work and society. This is how artitsa looks like a flâneur.*

### **KEYWORDS**

*Moacir Andrade; Socio-artistic processes; Visual arts; Amazonian art.*

Mais do que representar, o artista cria um registro histórico por meio de suas obras sobre a vida cotidiana da cidade e seus arredores. Desse modo, podemos apontar a problemática do *flâneur*, procurando entender como aspectos socioculturais locais representados na arte de Moacir Andrade se articulam com elementos da cidade e seus modos de vida. Moacir, como um *flâneur* nos processos socioartísticos, é uma representação das relações estabelecidas entre o artista consigo mesmo, entre o artista e a obra, e entre o artista e a cidade. Moacir reconstrói o espaço da cidade por meio de sua obra, ao mesmo tempo em que a cidade o define como um *flâneur*. Seria possível afirmar que a obra de Moacir Andrade se configura como um trabalho de etnografia urbana já que, claramente, vê-se uma descrição dos modos de vida da cidade?

De um lado, ao olhar para as pinturas do artista, especificamente sobre a arquitetura da cidade, o homem não aparece em suas representações, apenas a paisagem urbana, as construções e as suas características, mas insere elementos que aponta para o homem ocupando aquele espaço. Como pode-se ver em "Bairro de Educandos" (figura 1), só para citar um exemplo, em desenhos temos inúmeros sobre as construções da cidade. Moacir mostra o igarapé, as palafitas, as casas ocupando toda a margem subindo o barranco para dentro da cidade, além de exibir varais com roupas lavadas estendidas nas fachadas das casas sobre o igarapé. Ao olhar essas pinturas a uma certa distância, o observador pode confundi-las com uma fotografia colorida, dada a enorme gama de cores presentes na superfície da tela.

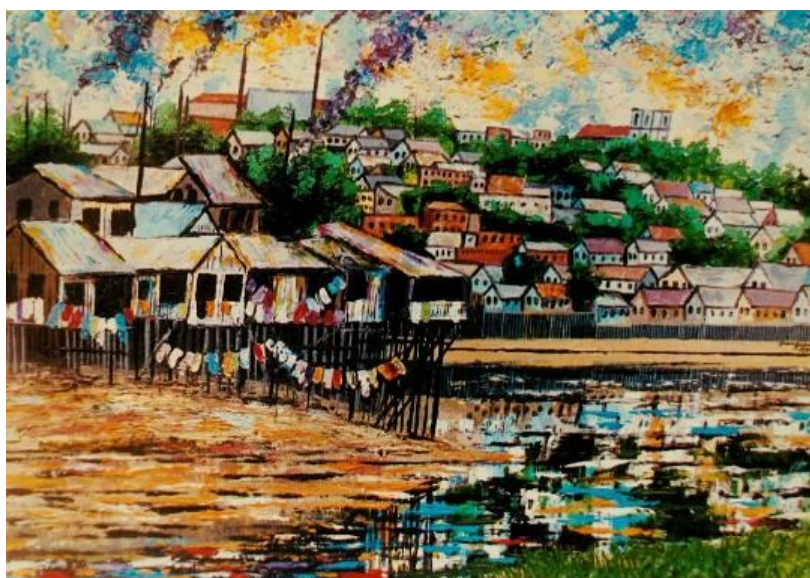


Figura 1 - Bairro Educandos, 1990, óleos sobre tela, de Moacir Andrade.

Fonte: ANDRADE, 1992, p. 85.

Os vários estilos de Moacir Andrade compõem uma organização de pensamento sobre a vida social do homem amazônico, como facetas de uma mesmo organismo sociocultural, tanto a arquitetura urbana da cidade de Manaus e os seus modos de vida e de ocupação do espaço urbano, como também o imaginário, constituem formas de viver e enxergar o mundo a partir de uma dinâmica típica da região e dos modos de vida da cidade de Manaus e do interior do Amazonas.

Assim, percebe-se que Moacir Andrade elaborou para cada problema artístico, uma solução formal, seja para os mitos, os modos de vida, a cidade, as manifestações sociais, culturais e religiosas. Os estilos artísticos de Moacir Andrade se apresentam como soluções criativas para os vários temas abordados pelo artista em sua vasta produção artística.

Ao estudar a sua obra, vê-se várias características que colocam o artista enquanto *flâneur*, partindo da ideia de Benjamim (2007) quando diz que “a rua conduz o *flâneur* em direção a um tempo que desapareceu” (BENJAMIM, 2007, p. 461). Desse modo, o artista se aproxima da figura do *flâneur* discutido por Walter Benjamim (2007), quando o autor diz que

Aquela embriaguez anamnésica, na qual o *flâneur* vagueia pela cidade, não se nutre apenas daquilo que lhe passa sensorialmente diante dos olhos, mas apodera-se frequentemente do simples saber, de dados inertes, como de algo experienciado e vivido. Este saber sentido transmite-se de uma pessoa a outra, sobretudo oralmente. (BENJAMIM, 2007, p. 462)

A cidade se converte em paisagem para o *flâneur*, chamando a atenção dele. Ele experiêcia a cidade como um fenômeno criativo. É o mercado, a multidão, o coletivo preenchendo os espaços. Ele lê os rostos, conhece a profissão, a origem, o caráter das pessoas.

Não só como artista Moacir Andrade se converte em *flâneur*, mas também como homem-sanduiche que caminhava pelas ruas da cidade (SOUZA, 2010) ele se transforma e reforça a sua atitude *flâneur*. Benjamin (2007) afirma que “o homem-sanduiche é a última encarnação do *flâneur*” (BENJAMIM, 2007, p. 495).

Moacir Andrade não só é um artista que caminha pela cidade, consumindo-a como poética, mas também um pesquisador, que estuda a cidade, os homens e os seus modos de vida. Publicou mais de 20 livros, a maioria sobre os hábitos e costumes na cidade, pois a cidade atrai o artista. São essas características que confirmam que Moacir Andrade é um *flâneur* na Amazônia.

É notório o fato de que Moacir Andrade andava pela cidade observando. A cidade serviu de inspiração para a sua criação artística e literária. O artista também percorreu o interior do Amazonas, navegando os rios. Em suas viagens, ele observou, entrevistou, coletou dados sobre os costumes, as manifestações culturais e religiosas, as características visuais dos espaços visitados, muitos dos quais registrados em desenhos e fotografias fartamente ilustrados em seus livros. Em entrevista a Souza (2010), o artista relata que:

todo o meu trabalho como pintor foi baseado em minhas próprias experiências. Tudo o que desenhei, pinte, foi visto por mim em alguma época e fez parte da minha vida. No caso das lendas, mitos, personagens da floresta, eram histórias ouvidas durante as andanças no interior do Amazonas que iam para as telas. (SOUZA, 2010, p.102)

Em "Alguns Aspectos de Antropologia Cultural do Amazonas" (ANDRADE, 1978), de 1978, Moacir Andrade relata sobre a Amazônia a partir dos aspectos geográficos (não só da região amazônica, mas também da cidade de Manaus), demográficos, históricos, sociais e culturais, tomando como base a literatura dos viajantes e de autores amazonenses, bem como a sua própria história de vida e sua experiência sobre a cultura amazônica. O artista-escritor escreve, relata e descreve sobre a cultura da região, seus hábitos e costumes da vida urbana, as suas práticas sociais e culturais, tomando como foco a experiência na cidade de Manaus.

O artista pensa a Amazônia não somente em relação aos seus aspectos geográficos, como também em relação às suas características sociais e culturais, muitas vezes relatando experiências de sua infância. Utiliza a entrevista como técnica de pesquisa, fazendo perguntas a vendedores diversos e habitantes das comunidades à margem do Rio Solimões, além de realizar intenso trabalho de campo, viajando de barco e conhecendo os rios e o interior do Amazonas.

O artista se preocupa com os aspectos naturais da região, escrevendo e retratando essa paisagem, mas também com a organização física e urbana da cidade de Manaus, relatando e descrevendo os bairros, os percursos dos bondes, descrições essas, em sua maioria, de caráter histórico, pois o autor traz referências de sua infância na cidade, caracterizando a sua produção literária também como memorialista.

Moacir se refere com frequência aos aspectos da floresta (denuncia o desmatamento e a extração irregular da madeira), do rio (seu uso e sua influência na vida dos habitantes da margem do rio), e da cidade e os seus modos de vida, que, segundo o artista, se relacionam com a floresta e com o rio. Essa maneira de enxergar a

amazônia é recorrente não somente em seus escritos, como também em seus desenhos e suas pinturas. Portanto, a sua produção retrata o ponto de vista amazônico de Moacir Andrade. Muito mais que uma visão imaginativa da região, como o próprio autor indica na literatura dos viajantes, Moacir possui uma imagem mais concreta da região, em especial, da cidade.

O universo temático da obra de Moacir Andrade circula em torno da cultura popular, dos hábitos, costumes e modos de vida do povo amazonense, além da arquitetura da cidade, como já frisamos. Sobre isso, o artista lembra que “os personagens e lendas dos meus quadros têm a ver com a minha vida no interior de Manacapuru. Sou profundamente ligado às minhas origens. Ler eu leio tudo, mas escrever só escrevo e pinto sobre a Amazônia” (SOUZA, 2010, p. 96).

É possível perceber que o artista caminhava pelas ruas da cidade, observando os hábitos dos homens e a paisagem urbana. A figura do homem na cidade de Manaus é presente quase que totalmente em sua produção em desenho, e é representada a partir de pontos de vista peculiares. Geralmente, o pintor ia de canoa até a frente do rio para retratar os beiradões, os ribeirinhos, as palafitas às margens dos igarapés, ou caminhava pelas ruas e pontes observando. O artista nos relata que

Gostava muito de andar pelos bairros de Manaus; desenvolvi muitos desenhos e telas, inspirados em São Raimundo e Educandos, bairros que ficam à margem do rio Negro. Retratei igrejas, o Porto Flutuante, o Mercado Adolpho Lisboa. Às vezes, sob o ponto de vista do rio, quando de uma canoa ficava horas pintando. Às vezes sob o ponto de vista da cidade, quando me posicionava em determinado local, desenhava ou pintava o que via no rio. Retratei belas construções do auge da borracha, as grades que formavam artísticos desenhos muitas roubadas ao longo tempo, os detalhes dos belos monumentos das praças. Saía retratando tudo em Manaus. Era incansável. (SOUZA, 2010, pp. 105-106)

As figuras 2 e 3 mostram características de modo de habitar do homem na cidade de Manaus na década de 1960. O artista, ao caminhar pelas ruas da cidade e navegar pelos rios e igarapés, apreende uma aura (no sentido que Walter Benjamin deu ao termo) por meio de uma representação artística.

Há vários desenhos em que o artista dá ênfase aos detalhes visuais das fachadas da arquitetura na cidade de Manaus. O conjunto de casarões ao fundo (figura 4) nos apresenta características de uma construção do período áureo da borracha, na virada do século 19 para o 20. O realismo da construção é acentuado pelo uso da

perspectiva e se situa no plano visual central da composição. Diferentemente da figura 2, o desenho da figura 3 nos mostra o uso acentuado da textura, seja nas fachadas das construções, seja nos telhados. A figura humana continua sendo representada de forma simplificada.



Figura 2 – Tipos de casas de madeiras dos bairros de Manaus, 1963. Fonte: ANDRADE, 1978, p. 186.

É peculiar a relação da cidade com o rio. Moacir retrata inúmeros cenários da cidade de Manaus junto ao rio. O modo como se configuram as casas de palafitas às margens dos igarapés. Na figura 3, essa vista é possível somente pela existência da ponte na Avenida Sete de Setembro, no caso a 2ª ponte é o ponto do qual o artista se situa para observar a paisagem e estudar o espaço. Significa dizer que sem a construção da ponte o ponto de vista seria diferente, e a cena representada mudaria suas formas.



Figura 3 – Trecho do igarapé da 2a. Ponte, 1969. Fonte: ANDRADE, 1981, p. 183.

Nas figuras 4 e 5, Moacir Andrade caminha pelas ruas da Zona Central da cidade de Manaus e busca representar a dinâmica urbana da cidade, no seu vai-e-vem dos transeuntes, das carroças e da paisagem arquitetônica que se modifica com o tempo.



Figura 4 – Sem título, 1969. Fonte: ANDRADE, 1982, p. 4.

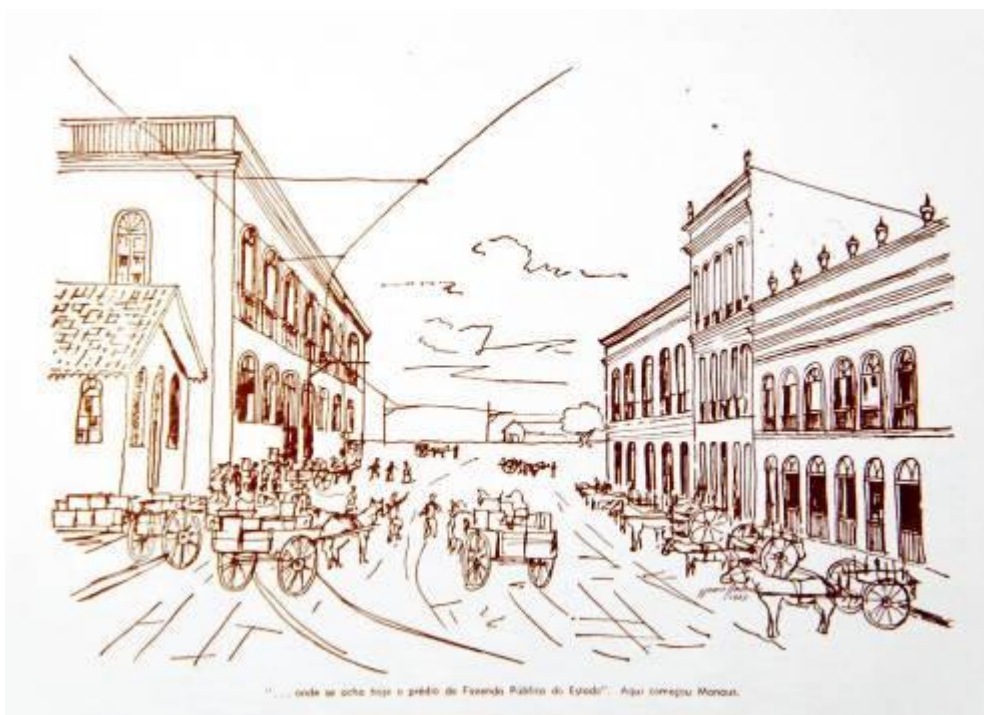


Figura 5 – Sem título, 1969. Fonte: ANDRADE, 1982, p. 51.

Ao observar as figuras 4 e 5, pode-se notar um estilo misto que mescla dois modos de representação: o desenho técnico e o desenho à mão livre. O conhecimento do desenho técnico é fruto da formação do artista no curso de marcenaria do Liceu Industrial de Manaus, atual Instituto Federal do Amazonas – IFAM, no período de 1942 a 1945, e de sua experiência como desenhista na elaboração de projetos de construção civil.

Nas duas figuras, vê-se um plano com um desenho de construções arquitetônicas, com o uso da técnica da perspectiva e o desenho livre e simplificado das figuras que compõem o primeiro plano da composição. Os desenhos da infância do artista tinham um traço mais marcado e carregado, mas o tipo de representação das formas se manteve com poucas alterações. A simplificação da forma humana é típica do trabalho de Moacir Andrade, e o detalhamento da representação da arquitetura da cidade se inicia a partir da década de 1940.

A paisagem urbana da área da Rua Isabel, no centro da cidade, à margem do Igarapé de Manaus, se modificou substancialmente na atualidade. Tem-se então um desenho do artista de caráter histórico. Pois desapareceu a dinâmica dos barcos e canoas que navegavam nessa área, as fachadas das casas se alteraram, além de desaparecerem algumas residências. Do mesmo modo, a relação do artista com a paisagem apreendida e retratada a partir do ponto de vista da segunda ponte da Avenida Sete



de Setembro se encontra em constante transformação, já que atualmente esse igarapé se encontra aterrado. Obra essa realizado pelo Programa de Saneamento dos Igarapés de Manaus – PROSAMIN, iniciado em 2003 pelo Governo do Estado do Amazonas.

Na área do Igarapé Manaus, representada na figura 6, se encontra o Parque Jefferson Péres, e parte do igarapé foi canalizado, cruzando o parque. Outra parte foi aterrada e tomou seu lugar uma área residencial, o Parque Residencial Manaus.



Figura 6 - Barco no Igarapé da Primeira Ponte ou Igarapé da Primeira Ponte, c. 1967.

Fonte: ANDRADE, 1992, p. 77.

Ao representar a cidade, Moacir Andrade transforma as relações sociais dos distintos tipos que vendem peixe, palha, gelo etc. nas ruas da cidade em formas simbólicas em suas pinturas e desenhos. É desse modo que devemos pensar a obra de arte e sua relação com a cidade, tomando a mesma como resultado de diversos diálogos estabelecidos entre o artista e o espaço urbano. O artista transforma o conhecimento pesquisado e vivenciado em conhecimento artístico. Encontra-se o conteúdo que se realiza no espaço externo da obra, conformando o universo temático dos desenhos, formado pelos modos de vida da cidade, os costumes, os hábitos, as atividades econômicas, a vida religiosa etc.

A descrição dos processos socioartísticos na obra do artista nos permite compreender a dinâmica da cidade a partir do conhecimento dos temas representados nos desenhos e nas pinturas do artista. Esses processos descrevem o modo de habitar, de trabalhar, de se mover, de se manifestar, de cultivar e ocupar a cidade.

A representação da figura 7, descrita anteriormente, apresenta traços distintivos do modo de vida de uma ação social, e também econômica, das lavadeiras à margem do Igarapé do 40. Nesse desenho podemos compreender e tomar conhecimento de uma das características que marcam uma manifestação cultural na cidade de Manaus. Pois o título da obra aponta uma atividade social e econômica, como também o espaço e o tempo que marcam a história da cidade, ou seja, o Igarapé do 40 e o ano de 1970.

Vejamos a figura a seguir com o tema das lavadeiras (figura 7), tema esse trabalhado em uma pintura de 1982. A preocupação do artista reside na comunicação do tema, que gira em torno dos modos de vida da cidade, mostrando características da arquitetura da cidade e dos aspectos amazônicos em que o rio aparece.



Figura 7 – Lavadeiras do Igarapé do 40, 1970. Fonte: ANDRADE, 1982, p. 115.

Percebe-se nesse desenho a utilização pura da linha. A simplicidade visual é característica de sua representação. Tendo em vista o modo como esses elementos

visuais estão relacionados na obra, como podemos perceber, é possível falar do modo como as linhas estão postas no papel, no caso do desenho. Sua direção, a sobreposição, os cruzamentos, sua espessura, ou seja, é a própria visualidade.

A linha é o único recurso visual utilizado pelo artista para gerar a representação. Nesse trabalho, o autor utiliza poucas texturas (também formadas por linhas, como no caso de alguns telhados nas casas, assim como para representar os detalhes da areia, do rio ou do céu). Há uma simplificação da forma. A linha livre e limpa é recorrente na organização visual do trabalho. Percebe-se traços firmes e contínuos nas linhas dos quatro planos do desenho: o rio com as figuras das lavadeiras e crianças brincando, a areia com os varais, as casas de palafita e ao fundo o céu, indicado apenas pelo uso de poucas linhas indicando um céu limpo com poucas nuvens. Há a ausência de sombreamento. Apesar da simplicidade, o artista consegue ter êxito em sua representação das características de uma atividade econômica na cidade.

O tema abordado, como sugere o título, é das lavadeiras. A representação apresenta traços distintivos do modo de vida de uma ação social, e também econômica, das lavadeiras à margem do Igarapé do 40. Nesse desenho, pode-se compreender e tomar conhecimento de uma das características que marcam uma manifestação cultural na cidade de Manaus.

Em seus livros, o artista relata aspectos dessa prática. Assim, tem-se o conhecimento cultural do artista sobre o mundo a sua volta e em particular a cidade de Manaus, na medida em que ele insere na obra traços distintivos desse espaço. Esses traços distintivos aparecem na obra de Moacir Andrade, transformados por uma série de processos relacionais dinâmicos. Sobre o tema, o artista escreveu um poema intitulado "A Lavadeira".

"A Lavadeira"

A lavadeira lava a roupa suja de horas espoliadas,  
gestos consumidos, trucidados, horas proletárias.  
A roupa impregnada de movimentos guarda o suor e as  
[emoções  
cristalizadas, silenciosas de cada dia, de cada hora.  
Os sonhos se renovam e voam como cavalos de Umbanda  
materializados em mil gestos, alguns enigmáticos,  
misteriosos, escondidos, voluntariamente secretos.  
A lavadeira lava, silenciosamente lava e talvez cante  
uma canção de ternura ao sal que se desfaz na água do rio,

sem voz e sem vida, a sua carga de horas crucificadas.  
Agora, sob o céu e o sol, a roupa retoma a sua antiga  
forma e cor: limpa, humana e cheirando ao novo de um  
[outro dia.  
E novamente se incorpora e como um fado banha-se  
e baila as horas e os segundos, desgastando-se até os  
[últimos  
fragmentos de trapos desativados, sem vida, sem cor, sem  
[forma,  
sem espírito e sem história (ANDRADE, 2008, p. 109)

Moacir Andrade também descreve a atividade das lavadeiras do Igarapé do 40 em seu livro “Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas”, de 1985. Percebe-se um escritor que andava pelas ruas, observando, entrevistando, anotando e desenhando as cenas que via.

Alí, sentadas em pequenos jiraus já construídos, as lavadeiras exercitavam o seu “metier”, lavando as roupas de seus fregueses ricos que pagavam 500 réis por peça de linho HJ lavado e engomado; cada lavadeira possuía o seu jirau à margem do igarapé.

Muitas lavadeiras lavavam para diversas famílias constituídas de 3, 5, 8 membros, ganhando salários mensais. (ANDRADE, 1985, p. 191)

Nesse trecho, o autor dá um riquíssimo cenário histórico da organização do trabalho das lavadeiras às margens do Igarapé do 40, das relações econômicas, do consumo de roupas com o tecido de linho da marca HJ (ou S 120, como ele cita no mesmo livro), em atividade na cidade naquela época. E o autor nos dá, ainda, outras informações, como horário, marcas de barras de sabão (Borboleta e Tuxaua), tecnologia como o ferro de engomar a carvão. O autor chega a descrever todo o processo e técnica de engomar realizados pelas lavadeiras.

Nessa época, esse tipo de atividade era comum, como sugerem vários outros desenhos do artista. Além de uma cena de uma atividade na cidade de Manaus, as lavadeiras, temos ainda um traço marcante do modo de vida na cidade de Manaus, as casas em palafitas às margens do igarapé.

Torna-se interessante, também, o ponto de vista do artista. Ele mostra nesse desenho a cidade ao fundo, o que nos faz pressupor que o pintor se deslocava até o rio, possivelmente de canoa, como o próprio artista chegou a relatar em uma de suas muitas biografias. Percebemos essa atitude de Moacir Andrade para com a cidade, e

mesmo a sua relação com o rio, em muitas de suas obras. O artista retrata a cidade a partir do ponto de vista do rio.

Outro tema recorrente nos desenhos de Moacir Andrade são os vendedores ambulantes. Tal como o artista, esses vendedores (figura 8) são retratados caminhando pela cidade, numa dinâmica urbana típica. Essa prática era tão comum, que o artista registrou cerca de 53 desenhos das décadas de 1930 a 1980, representando vendedores ambulantes, segundo nossa coleta.



Figura 8 – Vendedor ambulante de peixe, 1977. Fonte: ANDRADE, 1978, p. 198.

O artista discorre em texto (ANDRADE, 1985), sobre esses tipos urbanos, apresentando um cenário em que eles se encontravam na cidade, quando diz que

A cidade vai tomando uma forma diferente sob todos os aspectos: urbano, psicológico, sentimental e sobretudo humano. Onde os sorveteiros ambulantes com suas caixas em forma de cone truncado vendendo sorvetes de várias frutas num só recipiente dividido internamente por paredes estanques? Onde os puxa-puxeiros, com suas latas de biscoitos cheinhas de puxa-puxa com o

gosto de maracujá leite, côco, mangarataia, cupuaçu, e o gostoso jenipapo? Garotos heróis que se postavam pacientemente nos portões dos estádios do Parque Amazonense e campo Luso, à espera dos fregueses certos, ou nos portões dos colégios públicos. (ANDRADE, 1985, pp. 76-77)

Assim, Moacir fala do sorveteiros, do puxa-puxeiro, do vendedor de açaí ou de abacaxi, do vendedor de banana assada na Praça da Matriz, daquele que vende cascalho, verduras e frutas, de cataventos, de passarinhos, de rala-rala, até do vendedor de tartaruga, de munguzá ou de leite, de potes de cerâmica, do menino vendedor de papagaios ou de lamparina ou de bonecos, ou ainda de teque-teque.

Essa vasta representação de tipos de vendedores possibilita ver que o artista Moacir Andrade caminhava pelas ruas da Zona Central da cidade de Manaus (décadas de 1930 à 1980) e buscava, ao escrever sobre esses temas, fundamento na geografia da região, na história, na economia, na ciência, na literatura para falar da Amazônia. Fala da crise de 1912 a 1978, apresenta as causas para o não desenvolvimento da região (ANDRADE, 1978, p. 23). Utiliza dados demográficos e estatísticos. Considera a Amazônia como a maior área de incidência folclórica do Brasil, entendendo o folclore como o conjunto de tradições, hábitos, costumes, toda cultura que é transmitida oralmente, caracterizada pela nacionalidade. Fala da alimentação e toma o peixe como base, cita os mitos e, em seus textos, Moacir Andrade parece dar ênfase imaginativa às descrições de seus mitos.

Seus textos sobre o reboque, a pesca, são narrativas e descrições apresentando detalhes. No texto sobre os bondes, o narrador se torna presente, pois descreve algumas práticas que tinha quando criança, quando morava na Rua Dr. Machado.

Em 1938, Moacir desenhou "O Boi Deoson"<sup>1</sup> (figura 9), onde representa o boi como figura central do desenho, rodeado por cinco figuras humanas e bandeirinhas penduradas. Dessas cinco figuras, duas parecem apresentar traços de origem nordestina, uma de cada lado do boi, e as outras três figuras apresentam traços indígenas. Moacir cita Deoson como sendo filho de Dona Cachica, que morava numa casa em que nos fundos havia uma enorme mangueira, cujas folhas davam para a Rua Dr. Machado, rua em que Moacir morou quando criança. Moacir conheceu Deoson quando criança, pois morava próximo à área onde hoje se encontra o Hospital Infantil Dr. Fajardo, situado na esquina da Avenida Joaquim Nabuco com rua Dr. Machado, uma área com muito verde na época de sua infância.



Figura 9 - O Boi Deoson, 1938. Bico de pena. Fonte: Acervo da Pinacoteca do Estado do Amazonas.

Moacir fala da identidade geográfica, histórica e cultural da Amazônia, interpretando-a, na medida em que outros interpretam a Amazônia de Moacir, por meio de suas pinturas e desenhos. Assim, a obra de Moacir é uma interpretação da Amazônia. Não só interpreta, mas o seu trabalho reflete e tenta explicar a história e a cultura da região. O autor mesmo se volta para referências históricas de outros escritores para melhor situar e compreender o seu presente. Seus textos apresentam um caráter memorialista e sua obra visual apresenta-se como registro dessa memória.

Os livros de Moacir são publicados em um cenário de mudanças políticas, sociais e econômicas não somente na região, em especial na cidade de Manaus, como também no âmbito nacional, entre as décadas de 1970 e 1980, sendo alguns de seus textos de caráter histórico e outros antropológicos de cunho etnográficos. Moacir apresenta o que podemos chamar de etnografia da arte na Amazônia.

Ao mesmo tempo em que Moacir combina ideias, ele apresenta propostas originais. Moacir pensa a Amazônia através da arte, não só do texto. O seu pensamento compreende a obra visual e literária, a partir de um ponto de vista intertextualista. Em seus livros, assim como em sua arte, Moacir Andrade esboça uma identidade histórica, social e cultural da Amazônia, enxergando-a como diversa e complexa, em um cenário político nacional marcado pela ditadura militar. Parece que o objetivo (ou

um deles) de Moacir, é marcar e explicitar uma identidade amazônica, a partir de um sentimento de pertencimento. Portanto, é através da obra que Moacir Andrade expande seu universo criativo tomando a cidade como conteúdo, instaurando um universo novo da cultura, onde espontaneidade, liberdade e subjetividade se encontram na criação de sua obra.

## Notas

<sup>1</sup> Deoson é citado em seu texto sobre os bondes (ANDRADE, 1978).

## Referências

ANDRADE, Moacir. **Moacir Andrade**. Manaus: Editora Sérgio Cardoso, 1992.

\_\_\_\_\_. **Portais**. Manaus: Editora Valer, 2008.

\_\_\_\_\_. **Manaus: ruas, fachadas e varandas**. Manaus: Humberto Calderado, 1985.

\_\_\_\_\_. **Manaus: monumentos, hábitos e costumes**. Manaus: Editora Umberto Calderado, 1982.

\_\_\_\_\_. **Amazônia: a esfinge do terceiro milênio**. Manaus: Editora Metro Cúbico, 1981.

\_\_\_\_\_. **Alguns aspectos da antropologia cultural do Amazonas**. Manaus: Casa Editora Madrugada, 1978.

BENJAMIN, Walter. O flâneur. In: \_\_\_\_\_. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

SOUSA, Ellza. **Moacyr de todas as cores**. Manaus: Edições Muiraquitã, 2010.

## Valter Frank de Mesquita Lopes

Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM). Mestre em Ciências da Comunicação (UFAM). Graduado em Licenciatura em Artes Plásticas pela UAM. Especialista em Museologia e especialista em Produção de Material Didático em Educação a Distância (ambos pela UFAM). Professor Adjunto III da Faculdade de Artes da Universidade Federal do Amazonas. Contato: valtermesquita@hotmail.com; valtermesquita@ufam.edu.br.